

Bianca Camargo Martins
(Organizadora)

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 2



Atena
Editora
Ano 2019

Bianca Camargo Martins

(Organizadora)

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 2

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E78 O essencial da arquitetura e urbanismo 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa (SP):
Atena Editora, 2019. – (O Essencial da Arquitetura e Urbanismo;
v. 2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-266-1
DOI 10.22533/at.ed.661191704

1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Martins,
Bianca Camargo. II. Série.

CDD 720

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Nos dias de hoje, é muito discutido o papel social da Arquitetura e do Urbanismo. Por muitos anos, o papel social foi interpretado apenas como a arquitetura específica para as camadas populacionais de menor renda, sem acesso ao mercado formal de moradias – e de arquitetura. Porém, com a crise urbana em que vivemos atualmente, onde grandes parcelas da população não tem acesso às “benesses” do espaço urbano, essa discussão voltou à tona.

Muito mais do que levar a arquitetura para os mais necessitados, devemos reinventar nossa prática profissional para sermos os agentes transformadores da sociedade atual e enfrentarmos os desafios, sociais, políticos e econômicos que estamos vivenciando diariamente em nossas cidades.

Esta edição de “O Essencial de Arquitetura e Urbanismo 2” apresenta experiências das mais diversas áreas da arquitetura e urbanismo, como: arquitetura, ensino, conforto ambiental, paisagismo, preservação do patrimônio cultural, planejamento urbano e tecnologia. Assim, busca trazer ao leitor novos conceitos e novas reflexões para a prática da arquitetura e do urbanismo.

Neste contexto, é abordada desde as metodologias pedagógicas ativas a serem utilizadas no ambiente escolar até a compatibilização de projetos com o uso da Metodologia BIM (Building Information Modeling). A acessibilidade é abordada a partir de diversas perspectivas: desde um edifício isolado até a acessibilidade de uma cidade, evidenciando a importância da discussão nos dias de hoje. Cabe destacar também os estudos de análise de edificações culturais e de cenografia de exposições e performances. A relação da cidade com o seu patrimônio cultural é tratada em diversos capítulos, desde a gestão patrimonial até a utilização de cemitérios como espaços de memória – uma iniciativa prática que demonstra que a arquitetura, assim como a cultura, está em todos os lugares. Dou ênfase também à importância dada ao patrimônio imaterial, tema de extrema relevância e que é, muitas vezes, desvalorizado pelo poder público.

A discussão sobre a dinâmica dos espaços urbanos é extensa e deveras frutífera. Nesta edição, os capítulos focam na importância da arborização urbana para o bem estar da população, na participação popular nas discussões sobre a cidade, na problemática da existência de vazios urbanos em áreas urbanas consolidadas, nas estratégias de *city marketing*, na cidade global e demais temas que comprovam a multiplicidade de questões e formas de análise que envolvem a discussão sobre a vida urbana.

Por fim, são apresentados estudos sobre novas tecnologias e materiais voltados ao desenvolvimento sustentável, especialmente no tocante à gestão de resíduos da construção civil e à mitigação de riscos e desastres.

Convido você a aperfeiçoar seus conhecimentos e refletir com os temas aqui abordados. Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONTRIBUIÇÕES DOS ANAIS PARA PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM ARQUITETURA E URBANISMO	
Sofia Pessoa Lira Souza Augusto Aragão Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.6611917041	
CAPÍTULO 2	13
INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E AS METODOLOGIAS PEDAGÓGICAS ATIVAS NA ESCOLA DO SÉCULO XXI	
Roberta Betania Ferreira Squaiella Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.6611917042	
CAPÍTULO 3	29
PROJETO DO FÓRUM ELEITORAL DE AFUÁ, O LUGAR SOB O PONTO DE VISTA DOS USUÁRIOS	
Angelo Pio Passos Neto Ana Klaudia de Almeida Viana Perdigão	
DOI 10.22533/at.ed.6611917043	
CAPÍTULO 4	44
PROCESSO DE PROJETO CENTRADO NO USUÁRIO: PENSANDO A ACESSIBILIDADE	
Vanessa Goulart Dorneles Isabela Fernandes Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.6611917044	
CAPÍTULO 5	61
ACESSIBILIDADE NA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO	
Lília Caroline de Moraes Cecília de Amorim Pereira Eduardo Raimundo Dias Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.6611917045	
CAPÍTULO 6	71
WRIGHT E SIZA: DOIS MUSEUS E O VISITANTE	
Andrya Campos Kohlmann Douglas Vieira de Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.6611917046	
CAPÍTULO 7	93
ENTRE O SÍMBOLO DO FASCIO - O PAVILHÃO FASCISTA EM SÃO PAULO	
Gustavo de Almeida Sampaio	
DOI 10.22533/at.ed.6611917047	

CAPÍTULO 8	106
A POESIA CÊNICA DE FLÁVIO IMPÉRIO: BREVE ANÁLISE DA CENOGRAFIA DE 'ROSA DOS VENTOS', DE MARIA BETHÂNIA (1971)	
Carlos Eduardo Ribeiro Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.6611917048	
CAPÍTULO 9	122
CURADORIA COLETIVA E MEDIAÇÃO CULTURAL NA ELABORAÇÃO DA EXPOSIÇÃO: "DO ECLETISMO AO CONTEMPORÂNEO"	
Alexandre Sônego Carvalho	
Ana A. Villanueva Rodrigues	
Geise Brizotti Pasquotto	
Jéssica Priscila Grando	
DOI 10.22533/at.ed.6611917049	
CAPÍTULO 10	131
INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE NA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO DE ECOVILAS: O CASO BEDZED	
Emiliana Rodrigues Costa	
Alexandre Pajeú Moura	
DOI 10.22533/at.ed.66119170410	
CAPÍTULO 11	145
WAYFINDING: FERRAMENTA DE PROJETOS NA GESTÃO HOSPITALAR	
Guilherme Gattás Bara	
José Gustavo Francis Abdalla	
Márcia Moreira Rangel	
DOI 10.22533/at.ed.66119170411	
CAPÍTULO 12	152
TRANSFORMATIONS TO THE CLOISTERS AND THRESHOLD OF PAVILIONS IN HOSPITALS OF MEXICO	
María Lilia González Servín	
DOI 10.22533/at.ed.66119170412	
CAPÍTULO 13	160
CONJUNTO ESCOLA PARQUE: PATRIMÔNIO MATERIAL DA BAHIA E REFERÊNCIA PARA CONJUNTOS ESCOLARES NO BRASIL	
Roberta Betania Ferreira Squaiella	
Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.66119170413	
CAPÍTULO 14	177
NOTAS PARA O ESTUDO DE CAPELAS DO CICLO DO OURO EM MINAS GERAIS	
Elio Moroni Filho	
DOI 10.22533/at.ed.66119170414	
CAPÍTULO 15	198
A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO EM COLATINA E SUA TRAJETÓRIA	
Alexandre Valbuza Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.66119170415	

CAPÍTULO 16	214
ESTUDO DAS ARGAMASSAS ANTIGAS DA IGREJA DE N. S ^a DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS EM SÃO CRISTÓVÃO SE/BR	
Eder D. da Silva Adriana D. Nogueira Taina G. dos Santos Gabriela de M. Rabelo Maisa da R. Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.66119170416	
CAPÍTULO 17	229
A INSERÇÃO DOS CEMITÉRIOS NA HISTÓRIA DA CIDADE DE BELÉM NO SÉCULO XIX	
Amanda Roberta de Castro Botelho	
DOI 10.22533/at.ed.66119170417	
CAPÍTULO 18	245
ITINERÁRIOS DA MEMÓRIA: O CEMITÉRIO COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	
Marcelina Das Graças De Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.66119170418	
CAPÍTULO 19	257
AS TESSITURAS DA MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO IMAGINÁRIA DO ESPAÇO: HISTÓRIA ORAL E PATRIMÔNIO NA PEDREIRA PRADO LOPES	
Alexandra Nascimento Alex César de Oliveira Fonseca Ingrid Nayara Brito Jhonatan Ribeiro Santos Letícia Ferreira D'Angelo Martin Nicolas Rodriguez Stenia Carvalho Pessoa Talita Freitas de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.66119170419	
CAPÍTULO 20	272
O CRESCIMENTO DAS AÇÕES DE PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL	
Monique Avelino Damaso	
DOI 10.22533/at.ed.66119170420	
CAPÍTULO 21	284
FESTA DE SANTA CRUZ EM OURO PRETOA TRADIÇÃO CULTURAL COMO ELEMENTO DE IDENTIDADE E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO PELA COMUNIDADE	
Letícia Campos Figueiras Fabiana Mendes Tavares Jacques	
DOI 10.22533/at.ed.66119170421	
CAPÍTULO 22	300
MEMÓRIA OU NOSTALGIA? AS RELAÇÕES CIDADE-EMPRESA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX: UM ESTUDO DE CASO DA SIDERURGIA EM MINAS GERAIS	
Ronaldo André Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.66119170422	

CAPÍTULO 23	315
UMA RUA DE MUITOS LUGARES - ROTEIRO PELO CENTRO HISTÓRICO DE CUIABÁ	
Lúcia de Fátima Lobato Ferreira	
Francisco de Assis Pereira de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.66119170423	
CAPÍTULO 24	326
GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL: DIAGNÓSTICO DA ATUAÇÃO DO ESTADO EM SÍTIO TOMBADO	
João Gustavo Andrade Silva	
DOI 10.22533/at.ed.66119170424	
CAPÍTULO 25	351
CONSELHO DE PATRIMÔNIO CULTURAL COMO AGENTE DA CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO E DA MEMÓRIA SOCIAL: ESTUDO DE CASO DO CMPC EM PIEDADE DO RIO GRANDE-MG	
Jucilaine Neves Sousa Wivaldo	
Gilson Camilo de Sousa Neto	
João Batista de Sousa Neto	
DOI 10.22533/at.ed.66119170425	
SOBRE A ORGANIZADORA	363

ENTRE O SÍMBOLO DO FASCIO - O PAVILHÃO FASCISTA EM SÃO PAULO

Gustavo de Almeida Sampaio

Mestre em Arquitetura e Urbanismo

gustavosampaio@usp.br

RESUMO: O artigo tem por objetivo a apresentação do pavilhão fascista edificado na Exposição Comemorativa do Cinquentenário do processo de imigração ao Estado São Paulo no ano de 1937. Inserida em um cenário de outras Estruturas expositivas fascistas, este pavilhão evidencia o papel de relevância da cidade de São Paulo na política internacional do Fascismo Italiano durante os anos 30.

PALAVRAS-CHAVE: Fascismo, Pavilhões, Exposições Nacionais, São Paulo.

BETWEEN THE FASCIO SYMBOL – THE FASCIST PAVILION IN SÃO PAULO

ABSTRACT: The objective of this article is to present the fascist pavilion built in the Commemorative Exhibition of Fiftieth Anniversary of the process of immigration to the State of São Paulo in 1937. Inserted within a scenario of other fascist exposition structures, this pavilion shows the relevant role of the city of São Paulo in the international policy of Italian Fascism during the 30's.

KEYWORDS: Fascism, Pavilions, National

Exhibitions, São Paulo.

INTRODUÇÃO

Alguns pavilhões possuem uma merecida posição de destaque na historiografia da arquitetura moderna, postura esta concretamente evidenciada, já que as obras se encontram reconstruídas, pelo pavilhão projetado por Mies van der Rohe para Feira Mundial de Barcelona de 1929 e pelo pavilhão do L'Esprit Nouveau, projetado por Le Corbusier para Exposição de Arte Decorativa de Paris de 1925.

Na historiografia nacional, essa valorização é facilmente sentida nas análises sobre o pavilhão projetado por Lucio Costa e Oscar Niemeyer para a Feira Mundial de Nova Iorque (1938) que tendem a atribuir à estrutura como sendo o marco da parceria entre os arquitetos e a consolidação da Escola Carioca de Arquitetura.

Para Cohen (2015, p. XXVI), a importância atribuída pela historiografia da arquitetura a pavilhões encontra-se no fato de tais obras expressarem, já que são – ao menos a princípio – de cunho estritamente efêmero, uma potente e clara carga retórica e discursiva.

[...] Pavilions occupy a singular place

within the modern architecture [...]. the most revealing feature the pavilions share is their rhetorical status.

The operations they perform are invariably discursive. They aim at being edifying, though the presentation of national narratives, and the careful editing of realities they represent.

Direcionado por este cenário, o presente artigo tem por objetivo apresentar o pavilhão fascista italiano edificado na cidade de São Paulo, no ano de 1937, na Grande Exposição Comemorativa do Cinquentenário do Processo de Imigração ao Estado.

Mesmo que ligado ao panorama dos pavilhões previamente citados e apresentando uma evidente carga retórica, esta obra ainda permanece não contemplada nos estudos históricos da arquitetura moderna nacional, sendo assim rica sua apresentação.

Devido à falta de estudos que impossibilita o uso de análises consolidadas, será aqui utilizado, como principal fonte documental, um conjunto de textos jornalísticos publicados pelos o Correio Paulistano, o Correio de São Paulo e o Estado de São Paulo. O resgate destes artigos é significativo por eles apresentarem um rico testemunho deste panorama material e social.

Esses textos, [...], apesar de serem considerados exemplares de um “gênero menor”, são na verdade uma literatura mais próxima de nós e mais humanizada, por tratarem de forma mais livre os assuntos cotidianos e talvez sem importância, mas também os temas que animavam o debate artístico. [...]. Portanto, o interesse em recuperá-las está no fato de elas nos fornecerem uma espécie de testemunho vivo do panorama material e espiritual vivido [...] naquele tempo. (SILVA; CASTRO, 2014. p.27)

O USO DO FASCIO NOS PAVILHÕES FASCISTAS ITALIANOS:

Como a obra edificada na cidade de São Paulo estava ligada a outras estruturas expositivas fascistas, torna-se previamente necessário fazer a apresentação do pavilhão (Figura 01) da Mostra da Revolução Fascista de 1932, já que esta obra norteou a composição e discursos que foram posteriormente empregados na exposição paulista.

Projetado pelos arquitetos racionalistas Adalberto Libera e Mario De Renzi, este pavilhão, na verdade uma grande fachada/invólucro que revestia o edifício eclético de autoria de Pio Piacentini, pai de Marcello Piacentini, do Palazzo delle Esposizioni em Roma, foi descrito quando de sua inauguração pela revista Rassegna Italiana e pela poderosa crítica de arte Margherita Sarfatti, como sendo o primeiro e o melhor experimento da arquitetura moderna na Itália e a correspondência perfeita entre os propósitos históricos e morais do Fascismo com a arquitetura moderna. (ETLIN, 1991, p.227; BRAUN, 2003, p.188)



Figura 01: Fachada da Mostra da Revolução Fascista, Roma (1932)

Fonte: Archivo Centrale dello Stato. <http://dati.acs.beniculturali.it/MRF/>

Seguindo as demandas de Mussolini, que ordenou à organização que o pavilhão fosse “ [...] cosa d’oggi, modernissima [...] e audace, senza malinconici ricordi degli stili decorative del passato” (BRAUN, 2003, p.189), ele era formado por um grande volume cúbico central de 30 metros de altura pintado em vermelho pompeiano (escuro), com objetivo de evocar e vincular a tradição romana ao espírito revolucionário do fascismo. Sendo ladeado por dois outros volumes horizontais, pintado de branco e coroados com cifras decimais romanas do “X” para marcar o período de uma década da Marcha sobre Roma (1922), este pavilhão deveria expor “con la sua purezza geometrica la sintesi della concezione totalitaria e integrale del Regime fascista”. (GENTILE,2007, p.169)

Como nos principais edifícios públicos do período, ele apresentava uma forte carga monumental obtida, principalmente pelo seu grande arco pleno que funcionava como acesso principal às várias salas da mostra.

Apesar destas características, o componente mais marcante do pavilhão, e que acabou por direcionar e ser replicado em outras obras, foi o uso de grandes símbolos do *Fascio Littorio* como elemento arquitetônico. Com 25 metros de altura e revestido em placas de metal oxidado, estes quatro símbolos geometrizados integralmente aplicados à fachada vermelha do pavilhão eram os elementos mais visíveis e contundentes de exaltação da Revolução, do Fascismo e de Mussolini.

La mostra della Rivoluzione, forse proprio per la sua monumentalità contingente e per l’esigenza di effetto immediato sulla folla dei visitatori, fu l’esperimento più spregiudicato di rappresentazione della nuova romanità fascista attraverso un’originale versione modernistica della simbologia romana, dagli enormi fasci della facciata alle frequenti allusioni alla romanità antica lungo il percorso della mostra, allusioni in stile futuristico ed espressionista, con nessuna traccia di tradizionalismo neoclassico. (ibid, 2007, p.174)

O sucesso do evento foi tão grande, tendo recebido 4 milhões de visitantes durante os dois anos da mostra, que esta composição monumental, embasada pelo uso de grandes fascios como meio de exaltação e representação do Fascismo, passou a ser replicada – com algumas diferenças – em outros pavilhões fascistas. Sendo que no ano seguinte (1933) (Figura 02), ela foi aplicada no pavilhão italiano na Feira Mundial de Chicago e novamente direcionada por Mussolini, que ordenou “o motivo da mostra da Revolução” (ETLIN, 1991, p.227) na Exposição Universal de Bruxelas em 1935 (Figura 03).



Figura 02: Pavilhão na Exposição internacional de Chicago 1933.

Fonte: <http://www.expo.rai.it/storia-del-padiglione-italia/>



Figura 03: Pavilhão na Exposição internacional de Bruxelas 1935.

Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/499477414904355225/>

A GRANDE EXPOSIÇÃO EM SÃO PAULO E O PAVILHÃO ITALIANO:

Ligada e contemporânea a estes eventos está a Grande Exposição em São Paulo, (Figura 04). Tendo por objetivo ser uma a exposição Agrícola, Industrial, Artística e Histórica, a mostra tinha por objetivo prestar uma homenagem ao Cinquentenário do Processo Migratório ao estado de São Paulo.

[...] São Paulo irá comemorar festivamente o cincoetenario da Immigração Official em São Paulo [...] O colono imprimiu a São Paulo nova directrizes. Os homens vindos da costa do Mediterrâneo, sóbrios e tenazes, empreendedores, não se limitaram á agricultura. Expandem-se por todos os ramos de atividades, artes, commercio e indústria. A todos os sectores levam a sua contribuição. A civilização de S. Paulo sem, que se apaguem as linhas mestras originaes, enriquece-se em todos os sentidos graças a esse contingente revitalizador.

Tal é o acontecimento máximo da grande história econômica do Estado, que vae ser agora festejado. Será alli passado em revista o meio século de actividade dos colonos estrangeiros na nossa terra. Não apenas o italiano, mas o syrio, o polonez, o hungaro, o portuguez, o hespanhol, allemão, o lithuano, o rumeno, o bessarabio [Romeno], o austríaco, o tchescolovaquio, em summa, toda a gamma racial riquíssima que hoje torna S. Paulo o centro mais cosmopolita da America do Sul, será alli representada e glorificada. (Grande Exposição de S. Paulo- comemorativa do cincoetenario da Immigração Official, O Imparcial, 27 de fevereiro 1937, p.12)

Inaugurada no dia 08 de maio de 1937, por meio de um ato oficial que contou com a presença de ministros, vereadores e do arcebispo metropolitano, a Grande Exposição foi promovida no parque Dom Pedro II, na região central da cidade, e além dos pavilhões oficiais, como o da Secretaria da Agricultura, do Café, do Estado, do Município e de indústrias locais, contou com estruturas temáticas e de recreação, como o pavilhão Bávaro, de iniciativa do Companhia Antártica Paulista, que servia como salão de festa, uma cantina italiana, uma adega Portuguesa, um parque de diversão e uma fonte luminosa.

Juntamente a estas estruturas, e assim dando um caráter “internacional” à mostra, somava-se o pavilhão japonês e – sendo o objeto do artigo – o italiano. Sobre o pavilhão nipônico, o jornal Correio de São Paulo relata:

Destaca-se logo pela graça das suas linhas e o encanto de sua architectura, o Pavilhão Japonez organizado pelo srs Alfredo K. Yokomizo e Walter Tanaka. Este pavilhão, á principio, estava destinado somente aos artigos produzidos por firmas nipponicas aqui installadas. Devido á premência de tempo, porém foi aproveitado para a apresentação, também dos artigos importados do grande Imperio.

Alli, num ambiente poético no meio de cerejeiras em flôr, coloridas lanternas e suggestivos paraventos teremos uma ligeira ideia do espirito de laborisidade que caracteriza o japonéz [...] (A homenagem de S. Paulo ao braço estrangeiro-inaugura-se hoje a Grande Exposição do Cincoentenario da Immigração Official – A colaboração do trabalhador estrangeiro no progresso de S. Paulo - A inauguração do pavilhão da Itália, Correio de São Paulo, 08 de maio de 1937, p.03)

Como já apontado, a outra nacionalidade a possuir um pavilhão na mostra paulista era a italiana e, pelo grande número de coberturas, pode-se afirmar que ele era retratado à população paulista como um dos grandes atrativos da exposição.

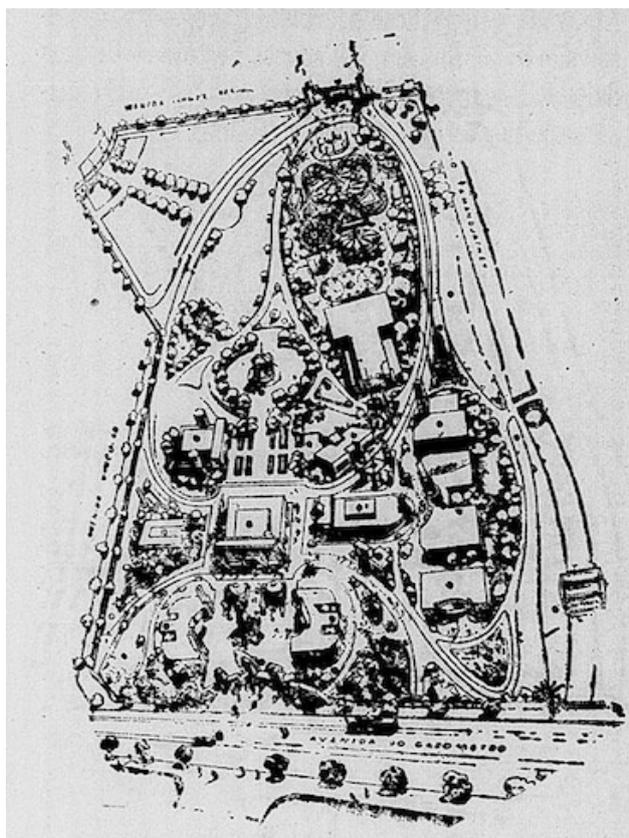


Figura 04: Implantação da Grande Exposição de São Paulo.

Fonte: O Imparcial, 27 de fevereiro 1937, p.12

Edificado em um momento em que a Itália fascista buscava apoio internacional devido às consequências da Guerra da Abissínia (1935-36) atual Etiópia e sendo diretamente vinculado ao movimento moderno do Novecento italiano, o pavilhão foi edificado logo na entrada da exposição juntamente com o pavilhão municipal e estadual.

Foi seu autor o arquiteto italiano Ettore Rossi (1894-1968), que também projetou o pavilhão de Ótica, Química e Turismo na Exposição Internacional de Bruxelas de 1935, o restaurante inserido no pavilhão italiano de autoria de Marcello Piacentini, na Exposição Internacional de Paris de 1937 e o restaurante na Exposição Universal de Roma de 1942 (PANDOLFI, 2013, p.69) e sua montagem ficou a cargo do engenheiro italiano, vindo especialmente para a tarefa, Mario Romano.

Honrosa para São Paulo é a presença do Governo Italiano às comemorações do cincoetenário da imigração oficial. Na parte fronteiria ao local onde se ergue o pavilhão municipal, está o Pavilhão da Itália, construção majestosa, sob o projecto do architecto Ettore Rossi, que acaba de obter o primeiro premio da architectura na Exposição de Paris, está sendo montado sob a direção do tecnico Renzoni e do eng. Mario Romano.

A parte artística do mesmo está confiada ao prof. Roberto Vighi, inspector de Bellas Artes do Ministério de Educação de Roma. [...]. (A Grande exposição de São Paulo- espetáculo maravilhoso que será o grande certame do Parque Pedro II – Os pavilhões do Governo do Estado, da Prefeitura Municipal e do Governo da Itália, Correio de São Paulo, 28 de abril, p.01)

Cobrindo uma área de 700 metros quadrados e sendo composto por três corpos, o pavilhão era retratado pela mídia da época como sendo uma “Verdadeira obra prima da architectura moderna [...] [que] impressiona pela majestosa harmonia das suas linhas traçadas dentro dos rumos que o fascismo imprimiu à architecteura italiana [...] [e ele] foi aprovado pessoalmente por Mussolini [...]” (A homenagem de S. Paulo ao braço estrangeiro- inaugura-se hoje a Grande Exposição do Cincoentenario da Imigração Official – A colaboração do trabalhador estrangeiro no progresso de S. Paulo - A inauguração do pavilhão da Itália, Correio de São Paulo, 08 de maio de 1937, p. 03)

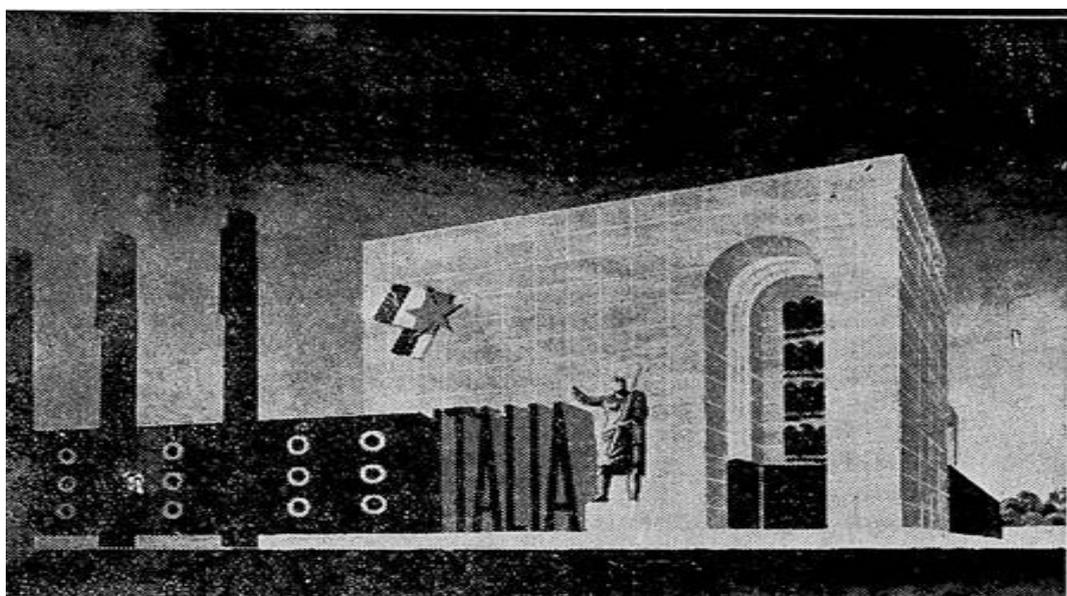


Figura 05: Elevação do Pavilhão Fascista, com os Fascios à frente.

Fonte: Correio de São Paulo, 28 de abril, p.01.

Pelas imagens disponibilizadas nos textos, vê-se que o pavilhão possuía uma composição semelhante àquela empregada na Mostra da Revolução Fascista de 1932. Composto por um grande volume cúbico de 13 metros de altura, ele era decorado por quatro relevos de águias romanas e uma bandeira nacional. Este volume, o principal corpo do pavilhão, tinha acesso por meio de um grande arco pleno e, em contato com a obra edificada em 1932, este elemento conferia uma forte carga monumental à composição.

Apesar destas semelhanças, uma das características mais marcantes que insere diretamente o pavilhão paulista no cenário dos outros pavilhões fascistas é a utilização de grandes símbolos do Fascio como elemento concreto de representação e exaltação

do Fascismo. Colocado à frente, e assim evidenciando claramente o discurso político do pavilhão, pode-se inferir pela imagem, já que os símbolos apresentavam o mesmo gabarito que a estrutura, que eles possuíam algo entorno de 13 metros de altura.

Apesar de nenhuma análise voltar-se especificamente sobre a construção destes Fascios em solo paulistano acarretando assim a certas lacunas, a somente comprovação da construção destes elementos demonstra como o Fascismo italiano pretendia se fazer presente e evidenciar-se na exposição e em solo paulista.

O pavilhão, que ainda era decorado com a inscrição Itália e com uma alvenaria, aparentemente, decorada com elementos circulares, era arrematado pela réplica 5,50 de altura da estátua de Augusto de Prima Porta (AHM, 2008). Sendo comemorado em Roma o bimilenário do imperador por meio da “Mostra Agustea della Romanità”, a escultura, depois do evento, como um presente do próprio Mussolini, foi oferecida à cidade de São Paulo.

Na parte fronteira ao Pavilhão italiano, será collocada uma estatua, reprodução exacta da estatua de Augusto, pertencente ao Museu do Vaticano, e que hoje se encontra na Via dell’Imperio.

Essa estatua sera offerecida a S. Paulo, como presente pessoal do sr. Mussolini. E o presente da estatua de Augusto é tanto mais oportuno quanto ocorre este anno o segundo millenio do fundador do Imperio Romano. (Cincontenario da imigração official, O Estado de São Paulo, 30 de março de 1937, p.09)

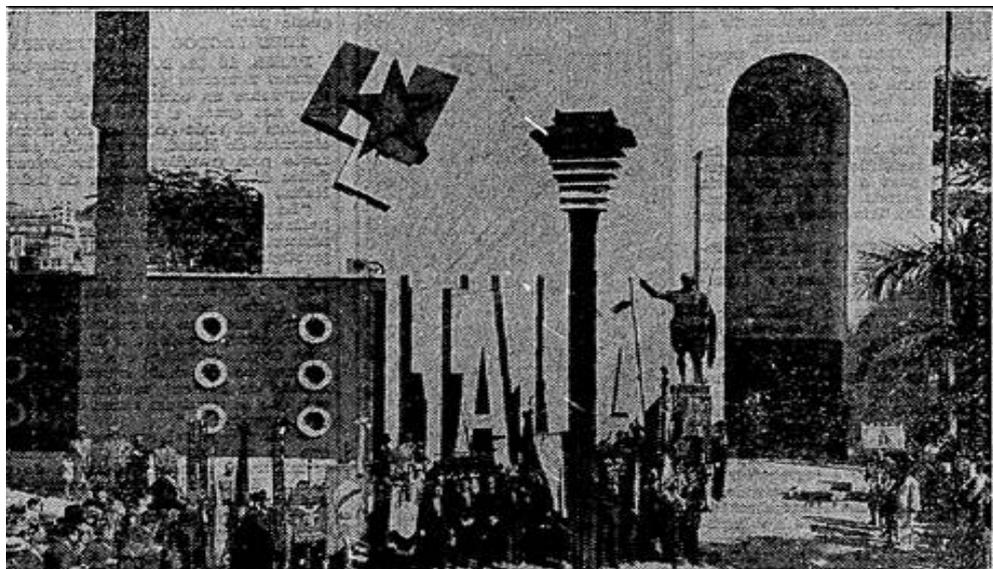


Figura 06: Fotografia da abertura do Pavilhão com a escultura de Augusto.

Fonte: Correio Paulistano, 09 de maio de 1937, p.02.

Com relação ao seu revestimento externo, as coberturas jornalísticas apontam que seus materiais vieram da Itália e que ele foi construído em torno de 30 dias, porém, não é especificado que tipo de fechamento foi empregado no pavilhão. Todavia, devido ao caráter efêmero da obra e por ser uma técnica construtiva utilizada em outras exposições promovidas no Brasil, pode-se inferir que o fechamento da estrutura

era em placas de estuque. Esta afirmação é reforçada pela imagem (Figura 07) disponibilizada pelo Correio Paulistano de 23 de abril de 1937, onde é demonstrado o processo de fechamento do pavilhão. Como curiosidade, vale apontar que esta etapa da construção contou com uma “[...] solenidade da cobertura do Pavilhão da Itália” na qual “Aos presentes oferecido [uma] mesa de sandwiches e bebidas”. (Revestiu-se de Grande Brilhantismo a Cerimônia da cobertura do Pavilhão Italiano na Grande Exposição de São Paulo, Correio Paulistano, 23 de abril de 1937, p.03).

Relativo à estrutura empregada no pavilhão, é apontando que ele foi edificado sobre uma fundação de concreto armado. Já sobre os elementos de sustentação, novamente a imagem (Figura 07) disponibilizada pelo jornal paulista demonstra, pela trama das tesouras e pela delgadeza destes elementos, que ele, aparentemente, foi construído em estrutura de madeira.

Embora o material destinado a essa construção tenha chegado a esta capital a há poucos dias e seja o Pavilhão italiano construído todo com base de cimento armado, as obras estão quasi promptas, revelando uma notável disposição de trabalho e eficiência dos technicians que o dirigem, á frente dos quais se encontra o engenheiro G. Renzoni.

Hontem á tarde, já todo o arcabouço do Pavilhão se preparava para amanhã ou depois receber a cobertura (Grande Exposição de São Paulo- visita do Consul da Itália- O Pavilhão Bavaro, para festas, Correio Paulistano, 4 de abril de 1937, p. 08)

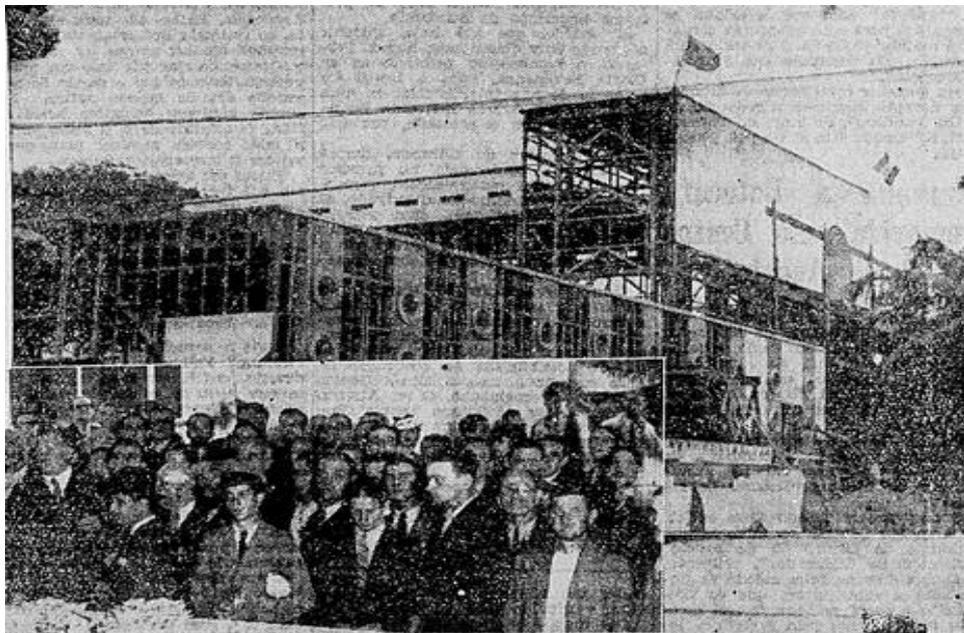


Figura 07: Fotografia do processo de fechamento do Pavilhão.

Fonte: Correio Paulistano, 23 de abril 1937, p.03

Outro aspecto mencionável do pavilhão era sua parte artística. A cargo do Prof. Roberto Vighi, que era inspetor de Belas Artes do Ministério da Educação da Itália e um dos organizadores da “Mostra Augustea della Romanità”, todo o conteúdo exposto à população paulista foi estruturado em seções temáticas (obras públicas,

urbanismo, artes plásticas e indústria) e ele foi apresentado aos visitantes por meio de “grandes fotografias” e maquetes. Este cuidado curatorial evidencia o interesse da Itália Fascista com o pavilhão e como Mussolini se utilizou desse momento para se autopromover e angariar apoio à sua causa.

Essa parte, muito desenvolvida constará de duas vastas secções, uma de arte pura e arte aplicada. Na primeira teremos pintura, escultura e gravura, numa mostra interessantíssima cujos trabalhos apresentam as assignaturas dos artistas mais em evidencia e de maior renome da arte italiana. As telas dos pintores representam uma rara collecção das mais sugestivas paisagens da Italia.

Na segunda secção, de arte aplicada, serão apresentados tecidos [...] cerâmicas, etc. [...] O Pavilhão Italiano destinado a apresentar o actual desenvolvimento da Italia em todos os ramos das atividades humanas, contará outras secções igualmente interessantes. Na parte de assistência social, por exemplo, mediante gráficos, “maquetes” e construcções plásticas, teremos diante dos olhos todo o panorama da assistência social que a Italia atingiu a um grau admirável. [...]

Na secção de Obras Públicas, representadas em “maquettes”, poderemos apreciar a obra gigantesca realizada pelo governo italiano nas regiões palustres da península, assim como a Cidade Universitária que é uma das maiores realizações [...] do grande paiz amigo.

Ahi veremos também as auto-estradas, perfeitas, que ligam todos os grandes centros industriaes do paiz, o porto de Genova, seu principal escoadouro de produtos, e também um trem aerodynamicos desses que devoram as distancias cortando a península de Turim á Sicilia. (Cinquentenário da imigração official, O Estado de São Paulo, 30 de março de 1937, p.09)

Apesar dos jornais não disponibilizarem nenhuma foto do interior do pavilhão pode-se inferir, já que se as mostras eram contemporâneas e tinham o mesmo organizador, que ele era muito similar ao encontrado/montado na “Mostra Augustea della Romanità”. (Figura 08)



Figura 08: Interior da “Mostra Augustea della Romanità”, Roma, 1937.

Fonte: <http://www.museociviltaromana.it>

À guisa de conclusão, a inauguração do pavilhão foi feita pelo Conde Guido Romanelli e pelo Cônsul Castruccio, por meio de um banquete e uma recepção promovidos no Hotel Esplanada. Falando as autoridades paulistas e à alta sociedade ali presente, o Conde afirmou:

A minha missão tomou forma no pavilhão pelas linhas de romana simplicidade e pelo conteúdo significativo e escolhido que esta manhan [sic] foi inaugurado [...] pavilhão que espero corresponda plenamente á expectativa de São Paulo e ao posto de honra que a Comissão lhe reservou no Parque D. Pedro II. [...]

Isto é a expressão palpitante da Italia de hoje que sob [...] a guia do “duce” Benito Mussolini, exerce na Europa e no mundo as suas funções de grande potencia que deseja sinceramente a paz para si e para os que quer trabalhar e produzir para o bem estar do seu povo e em fraterna collaboração com os outros, mesmo na sua grande missão de colonisar e civilizar o seu Imperio. [...] (Grande exposição de S. Paulo - a inauguração do pavilhão italiano – O banquete oferecido pelo conde Romanelli ao sr. governador do Estado, altas autoridades e á sociedade paulistana- Os discursos proferidos, O Estado de São Paulo, 11 de maio de 1937, p.10)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de certas lacunas, por meio desta apresentação fica possível tecer algumas declarações, sendo que a de maior evidência é sobre a inserção da cidade de São Paulo e consequentemente do Brasil no cenário de grandes exposições. Tal ponto, apesar de simples, é de bastante riqueza à historiografia nacional, já que os estudos tendem a colocar o Brasil, as exposições nacionais e sua arquitetura como secundárias em seus apontamentos.

Especificamente sobre o pavilhão italiano, os textos aqui trabalhados assim como as imagens demonstram como ele era diretamente ligado a outras estruturas expositivas fascistas, principalmente àquela construída para a Mostra da Revolução de Fascista em 1932. Este fato torna-se de mais fácil percepção pelo o uso de grandes símbolos do Fascio como meio de valorização e apologia ao Fascismo.

Novamente, a constatação da construção deste elemento insere a cidade de São Paulo em um hall de grandes cidades mundiais, como Roma, Chicago e Bruxelas, que também tiveram, na década de 30, um pavilhão fascista decorado por grandes símbolos do Fascio.

Tocante ao uso político do pavilhão, os textos e relatos demonstram como a estrutura e sua arquitetura serviram como meio de profusão do ideário fascista à população paulista, que era tida dentro do panorama global como de importância ao Fascismo.

Em suma, apesar de breve e com algumas omissões, a apresentação deste evento possibilitou que se evidenciasse a construção de um pavilhão não amplamente contemplado nos estudos da história da arquitetura nacional.

REFERÊNCIAS

AHM- Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. **A propósito de uma obscura passagem de Tristes Trópicos ou um pequeno recanto perdido na cidade de São Paulo da década de 1930- 2008:** Disponível em: < <http://www.arquiamigos.org.br/info/info16/i-inter.htm>> Acessado em :10 maio 2018.

BRAUN, E. Mario Sironi- **Arte e politica sotto il fascismo**. Torino: Bollati Boringhieri, 2003.

ETLIN, R. A. **Modernism in Italian architecture, 1890-1940**. Cambridge: The MIT Press, 1991.

COHEN, J. L. Foreword to Architecture of great expositions 1937-1959: Message of peace, images of war. In: DEVOS, R; ORTENBERG, A; VLADIMIR P. (eds.) **Architecture of great expositions 1937-1959: Message of peace, images of war**. 1 ed. Manchester: Ashgate, 2015.

GENTILE, E. **Fascismo di Pietra**. Bari: Laterza & Figli, 2007.

MAGALHÃES, A, G. (Org.). **Classicismo, Realismo, Vanguarda: Pintura Italiana no Entreguerras**. São Paulo, Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, 2013.

_____. **Pintura Italiana do entreguerras nas Coleções Matarazzo e as origens do acervo do antigo MAM- arte e crítica de arte entre Itália e Brasil**. 2014. 157 f. Tese (Livre-docência em História da Arte) - Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PANDILFI, E. **Ettore Rossi (1984-1968) - architetto del movimento moderno**. Pesaro: Metauro, 2013.

PELEGRINI, A. C. S. **Bolonha, Barcelona, Firminy: quando o projeto é patrimônio**. In: ARQTEXTO (UFRGS), v. 12, p. 202-237, 2008.

SAMPAIO, G. A, **Tradição e modernidade- o Novecento em São Paulo**. 2017. 305 f. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

_____. **O Novecento e o jornais: a representação de um modernismo**. In: Anais DOCOMOMO Brasil ARQUITETURA E URBANISMO DO MOVIMENTO MODERNO patrimônio cultural brasileiro: difusão, preservação e sociedade, 12. 2018, Uberlândia, MG.

SEGAWA, H. **Arquitetura no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 1997.

SILVA, Joana. Mello de Carvalho. CASTRO, Ana Claudia Veiga. **Inventar o Passado, construir o Futuro: São Paulo entre nacionalismos e cosmopolitismos nas primeiras décadas do século 20**. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação da FAUUSP, São Paulo, v.21, n. 36, p. 24-56, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002007000300009>.

JORNAIS:

A Grande exposição de São Paulo- espetáculo maravilhoso que será o grande certame do Parque Pedro II – Os pavilhões do Governo do Estado, da Prefeitura Municipal e do Governo da Itália, Correio de São Paulo, 28 de abril, p.01.

A homenagem de S. Paulo ao braço estrangeiro- inaugura-se hoje a Grande Exposição do Cinquentenario da Imigração Oficial – A colaboração do trabalhador estrangeiro no progresso de S. Paulo - A inauguração do pavilhão da Itália, Correio de São Paulo, 08 de maio de 1937, p.03.

Cincontenario da imigração oficial, O Estado de São Paulo, 30 de março de 1937, p.09.

Grande exposição de S. Paulo - a inauguração do pavilhão italiano – O banquete oferecido pelo conde Romanelli ao sr. governador do Estado, altas autoridades e á sociedade paulistana- Os discursos proferidos, O Estado de São Paulo, 11 de maio de 1937, p.10.

Grande Exposição de S. Paulo- comemorativa do cincoetenario da Imigração Official, O Imparcial, 27 de fevereiro 1937, p.12.

Revestiu-se de Grande Brilhantismo a Cerimônia da cobertura do Pavilhão Italiano na Grande Exposição de São Paulo, Correio Paulistano, 23 de abril de 1937, p.03.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-266-1



9 788572 472661